

Lustosa da Costa

Os êxitos de Sarney

Para avaliar o desempenho do presidente José Sarney, temos de partir da delicada situação em que ele recebeu o poder, ante a desconfiança de parte da sociedade, que o via como continuador do regime militar e do PMDB, que o encarava, como usurpador de sua suada vitória, depois de 21 anos de resistência democrática. Ele chegou à Presidência da República sem qualquer apoio político porque a Aliança Democrática fora costurada por Tancredo Neves para seu uso e porque a Frente Liberal ainda estava recrutando soldados no PDS. Cabia-lhe, como lhe coube, suceder a quem se convertera em ídolo nacional. Administrar um ministério que não escolhera e operar com uma base parlamentar que não montara.

Não pode ser, assim, comparado a Eurico Dutra, que assumiu a Presidência com maioria absoluta dos votos do eleitorado, com ampla base parlamentar, depois ampliada com a integração da UDN. E, principalmente, com as burras cheias de dólares, acumulados, durante a guerra. Nem a Juscelino Kubitschek, vitorioso com menos votos, sustentado pelo PSD e PTB que o elegeram, em disputada campanha. Sua situação era desconfortabilíssima. Um desses luminares da imprensa, que, de quando em vez, envereda pelo perigoso terreno da futurologia, chegou a prever que, se Tancredo Neves morresse, o País viveria crise mais grave que a da renúncia de Jânio Quadros porque Sarney seria escorraçado do Palácio do Planalto pelas multidões enfiadas.

Não deu nada disso. Ele foi desmontando prevenções, com o escrupuloso cumprimento das dívidas assumidas por Tancredo Neves. No atacado, com a restauração das eleições diretas, em todos os níveis, a liberalização de criação dos partidos, inclusive os comunistas, e a convocação da Assembléia Nacional Constituinte. E no varejo, mantendo, inclusive, em postos de sua estrita confiança pessoal auxiliares de estrita

confiança pessoal de Tancredo Neves.

Depois lançou, em circulação, a proposta do pacto nacional. Através dela, pretendia constituir base político-parlamentar de sustentação de seu governo e das nossas tão frágeis instituições: O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, assolado por dificuldades domésticas, refugou a oferta. Seu partido se encontra na postura esquizóide de ter um pé no palanque oposicionista e outro nos cargos federais. Sarney não desistiu. Convocou economistas e empresários para ouvi-los sobre economia a fim de deixar bem claro que não ia comer apenas pelas mãos dos ministros especializados. Convocou os governadores de Estado que vieram, todos, dar apoio às suas propostas de modernização da sociedade, da Assembléia Nacional Constituinte à Reforma Agrária. E lhe dar uma força no tocante à difícil negociação com o FMI.

Para quem ascendeu à Presidência, tão pobre de força política, convenhamos, a reunião do Alvorada constituiu em excepcional vitória. Os governadores endossaram seu projeto, numa mostra de maturidade política e consciência da responsabilidade do poder civil. Até o governador Leonel Brizola, que reclama eleições diretas já. E que ele não quer fazer marola para caona não virar. Não pode forçar a mão oposicionista, sob pena de enfraquecendo Sarney, encorajar a extrema-direita liberticida, rica e audaciosa.

A calorosa manifestação de solidariedade a Sarney, por parte dos governadores, é também reforço para que ele não se deixe aprisionar pela extrema-direita reacionária e imobilista, que recusa a modernização do País e morre de saudades da ditadura militar e de seu corifeu, Delfim Netto. Ela mantém o Governo no centro-esquerda, como único itinerário capaz de lhe manter a estabilidade nessa época de vacas magras e de desafios perigosos.